

SCHAIE, K. W. *Die Validitat des farbyramidentest*. Berna, 1962, (ap. KOLCK, 1975).

SILVA, M.D.V. *Rorschach: Uma abordagem Psicanalítica*. São Paulo: EPU, 1987.

VILLEMOR, A.F. *Pirâmides coloridas de Pfister*. São Paulo: CEPA, 1978.

REFLEXÕES PARALELAS AO TRABALHO DE CAMPO ENTRE OS ANAMBÉ

Maria Risoleta Silva **JULIÃO**
Centro de Letras e Artes. Departamento de Língua e Literatura Vernáculas da UFPA.

RESUMO: Grande parte da população que compõe a comunidade indígena Anambé, hoje, é de monolíngües em Português. Assim o presente artigo procura dar conta dos fatores que determinaram a substituição da língua tradicional pelo português, assim como das relações entre elas tendo por base o conceito de conflito lingüístico. As questões vieram à tona enquanto desenvolvia trabalho de campo, visando ao levantamento de dados lingüísticos para análise e descrição do sistema fonético-fonológico do Anambé.

PALAVRAS-CHAVE: Conflito lingüístico, língua materna, segunda língua, monolíngüismo, bilingüismo, situação comunicativa.

ABSTRACT: A majority of the Anambe indigenous population are monolingual in Portuguese. Accordingly, this paper describes the key factors which led to the substitution of the native language by Portuguese, as well as subsidiary interrelations based on the concept of linguistic conflict. The questions to be addressed emerged during field work, involving the collection of linguistic data, in order to analyze and describe the Anambe phonetic-phonological system.

KEY WORDS: Linguistic conflict, mother tongue, second language, monolingualism, bilingualism, communicative situation.

1 AS INTERROGAÇÕES

A situação lingüística de vários grupos indígenas, que vem de uma longa história de contato, caracteriza-se, hoje, pela existência numa mesma área da língua tradicional e do Português, embora cada grupo viva um processo diferenciado no que se refere à prática das línguas.

E a constatação dessa situação entre os Anambé¹ suscitou uma série de interrogações que acompanharam meu trabalho de campo na Área Indígena Anambé, e continuam latentes ainda agora na fase de análise e descrição da língua: qual a relação entre duas línguas distintas numa mesma área? por que um povo abandona sua língua de origem? que função a língua de origem e aquela que a substituiu tem para esse povo? é possível a (re) aquisição da língua de origem?

Embora o texto não seja resultado de observações sistemáticas, com técnica e material específicos para questões de natureza sociolinguística, as reflexões que nele têm lugar serviram para ampliar a minha compreensão sobre o grupo com que trabalho e fizeram com que me convencesse, cada vez mais, da necessidade de se fazer estudos que vão além da análise e descrição do sistema linguístico como tal.

2 AS RESPOSTAS

Para a reflexão sobre a situação linguística de grupos minoritários, os conceitos adotados por HAMEL & SIERRA (1983) e HAMEL (1987) para a análise das relações entre o Otomí e o Espanhol, no vale do Mezquital, México, me pareceram adequados porquanto explicativos e esclarecedores. Numa tal reflexão não basta dizer que a língua A substituiu a língua B, ou que em tais situações utiliza-se a língua A, nestas outras, a língua B. É necessária a compreensão dos fatores que intervêm nesse processo.

Assim devemos ter em conta que a existência de duas línguas em uma mesma área ou em um grupo não configura na

1 Os anambé vivem à margem direita do Rio Cairari, Município de Moju, Pará. Contam, atualmente, com uma população de 78 pessoas, incluindo os não-índios casados com Anambé.

maioria dos casos, uma situação de línguas em contato, mas uma relação de conflito que reflete uma situação de dominação; uma relação assimétrica, não estável entre uma língua dominante e uma língua dominada; um conflito linguístico². Situação que se opõe à de línguas em contato que significa considerar as interferências entre duas línguas enquanto sistemas "puros", abstraindo tanto o uso linguístico em situações de interação como as atitudes dos falantes em relação às línguas.

Nesse conflito³, parte integrante de um conflito intercultural, intervêm duas tendências históricas: a crescente expansão da língua dominante e conseqüente deslocamento da língua dominada - que pode vir a ser substituída - como tendência principal e a resistência linguística e cultural do grupo dominado como tendência subordinada à primeira.

A tendência principal se expressa em várias dimensões: a língua dominante desloca a língua dominada a) no âmbito geográfico; b) no seu valor funcional, uma vez que a língua dominante substitui a língua dominada num número cada vez maior de situações comunicativas e c) na sua estrutura linguística quando a língua dominada perde, em parte, sua capacidade criativa de inovação morfossintática e lexical.

2 O conceito de conflito linguístico, que se opõe ao de línguas em contato introduzido por WEINREICH ap. HAMEL & SIERRA (1983), foi criado pelos sociolinguistas catalães na luta que incetaram contra o espanhol dominante e a política linguística da ditadura Franco (Cf. HAMEL & SIERRA, 1983; HAMEL, 1987).

3 Nesse sentido, HAMEL & SIERRA (1983) refutam o conceito de diglossia como relação estável entre duas variantes funcionalmente diferenciadas de uma mesma língua próprio do estruturalismo funcional norte-americano. Diglossia passa a significar, assim, situações conflitivas de contato linguístico entre grupos diferenciados por fatores sócio-políticos, econômicos, culturais.

A tendência subordinada de resistência lingüística e cultural se revela na persistência de um sistema tradicional de comunicação e organização, onde a língua dominada mantém sua importância na interação verbal cotidiana, nas atividades culturais tradicionais e na identificação afetiva dos falantes com sua língua.

A tendência, hoje, entre os Anambé é de substituição da língua tradicional pelo Português⁴ em confronto com um reduzido número de bilíngües: sete falantes adultos - seis mulheres e um homem - entre os mais velhos. Dentre esses, é certo que quatro deles fazem sempre uso do Anambé: Muihu e Merã - provavelmente o casal mais idoso; Durica e Tapira - mãe e filha respectivamente - as quais, no entanto, na interação com netos e filhos sempre fazem uso do Português. Para os outros - quatro mulheres - as situações comunicativas favorecedoras do Anambé são ainda mais restritas - nos encontros com os outros quatro falantes por ocasião de reuniões, visitas - uma vez que são casadas com não-índios monolíngües em Português e os filhos são, também eles, monolíngües em Português. Na interação com os demais membros do grupo usam o Português.

Para alguns - uma mulher e três homens admitiram o fato - numa faixa etária entre 18 e 35 anos, talvez seja possível falar num bilingüismo passivo que, também ele, à falta de contato com o Anambé apresenta claros sinais de regressão.

O domínio do Português se dá em todas as situações comunicativas, inclusive aquelas que recobrem as atividades que reforçam a vida interna do grupo - a organização da produção agrícola, as atividades no interior da família - assim

⁴ Português, aqui, refere-se à variante falada na região do Cairari que apresenta características lexicais fonéticas, morfológicas, sintáticas que a diferenciam do Português-padrão ideal da escola oficial.

como a organização sócio-política - reuniões para escolha ou afastamento de líderes, para questionamento da ação da FUNAI - como ainda nas reuniões sociais, encontros, visitas. A situação de domínio do Português foi ainda mais reforçada com a instalação da escola, nos moldes da escola oficial, cujas atividades estão centradas em leitura e escrita, Matemática e Estudos Sociais, atendendo sobretudo a classe de alfabetização - crianças e adultos.

Às vezes, sobretudo por aqueles que ainda falam Anambé e na interação verbal com não-falantes ocorre a inserção de itens lexicais em orações do Português

- Cadê *cumanã* (Cadê o feijão?)

- Nũ tem *marã*! (Não tem comida!)

ou o uso de alguns enunciados altamente rituais como formas de cumprimento, de despedida. No entanto, estas práticas não são contínuas e não caracterizam o uso alternado de duas línguas no discurso.

Assim é que o Português predomina em todas as situações comunicativas e tem sido adquirido como língua materna, sobretudo nos últimos vinte anos, não havendo processo de aquisição do Anambé como segunda língua, embora em algumas declarações se perceba a valorização e representação acerca das línguas e das relações entre elas, sobretudo por parte daqueles que vêm participando, nos últimos três anos, de reuniões e encontros destinados a discutir a causa indígena: "o povo Anambé querem segurar sua língua". O verbo segurar, aqui, sugere uma modalidade de constituição de identidade étnica e o reconhecimento de que a língua Anambé perdeu espaço para o Português.

A situação lingüística de um grupo minoritário, porém, não pode ser vista dissociada dos processos econômicos, sociais e políticos que se estabelecem numa relação entre grupos diferenciados. Assim é que se faz necessário um rápido esboço

da situação sócio-política e econômica dos Anambé, tendo por base a época a partir da qual passaram a viver na região do Cairari⁵, onde sob o controle de um comerciante da região, conhecido por Santinho Pernambuco, integravam o sistema de produção como mão-de-obra destinada à extração de óleo de copaíba, leite de maçaranduba e fornecimento de peles e de jabutis. Não participavam da extração de madeira, que ficava a cargo de trabalhadores provenientes de Mocajuba e Cametá, dos quais alguns acabaram constituindo família com algumas índias.

Atualmente, dedicam-se à agricultura de subsistência e participam do mercado numa relação extremamente desfavorável entre os produtos agrícolas e os produtos manufaturados e industrializados comercializados pelos marreteiros (nova versão dos regatões) que fazem o Cairari, o que os obriga a deslocar-se para Mocajuba, ou Igarapé-Mirim, que oferecem maiores possibilidades. Em vista disso, alguns solteiros vendem sua força de trabalho nas fazendas e plantações de pimenta-do-reino, ou então nas serrarias móveis instaladas em decorrência do crescente fluxo de madeireiros.

Um outro fenômeno que, a meu ver, está relacionado com a necessidade de escolarização, embora, hoje, não seja mais tão intenso, era o envio dos filhos, ainda pequenos, para a casa de parentes ou amigos que moram na cidade. Dessa forma, a substituição da língua tradicional, provavelmente já iniciada quando ainda estavam no grupo, tornava-se imperiosa.

⁵ Até onde vai a memória do grupo, os "primeiros" vieram "da banda do Moju" e não foi possível, com os atuais informantes, reconstruir esse período.

3 AS CONCLUSÕES

Todos esses fatores determinaram os processos de mudança, uma vez que se criaram novas necessidades comunicativas para dar conta de novos acontecimentos. O Anambé deixou de resolver tarefas comunicativas e de contribuir para a produção e reprodução das relações.

Da constatação desses fatos, chego à conclusão de que, se um dia, os Anambé decidirem pela aprendizagem, ou aquisição, da língua tradicional, essa ocupará a posição de segunda língua. E, se o grupo optar pela aprendizagem (processo dirigido) será necessário não só que um daqueles que ainda falam a língua tradicional se disponha a ser o professor, como também discutir a viabilização de um processo que garanta o ensino do Anambé como segunda língua, isto é, língua estrangeira, pelo menos em um primeiro momento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HAMEL, Rainer Henrique. El conflicto lingüístico en una situación de diglosa. In: MUÑOZ CRUZ, Héctor Ed.) *Funciones sociales y conciencia del lenguaje: estudios sociolingüísticos en México*. Xalapa: Universidad Veracruzana, 1987, p.11-44.
- HAMEL, Rainer Henrique, SIERRA, Maria Teresa. Diglosia y conflicto intercultural: la lucha por concepto o la danza de los significantes. *Boletín de Antropología Americana*. México, n. 8, p. 89-109, 1983.
- WEINREICH, Uriel. *Languages in contact*. New York: Linguistic. Circle of New York, 1953. (apud HAMEL & SIERRA, 1983).